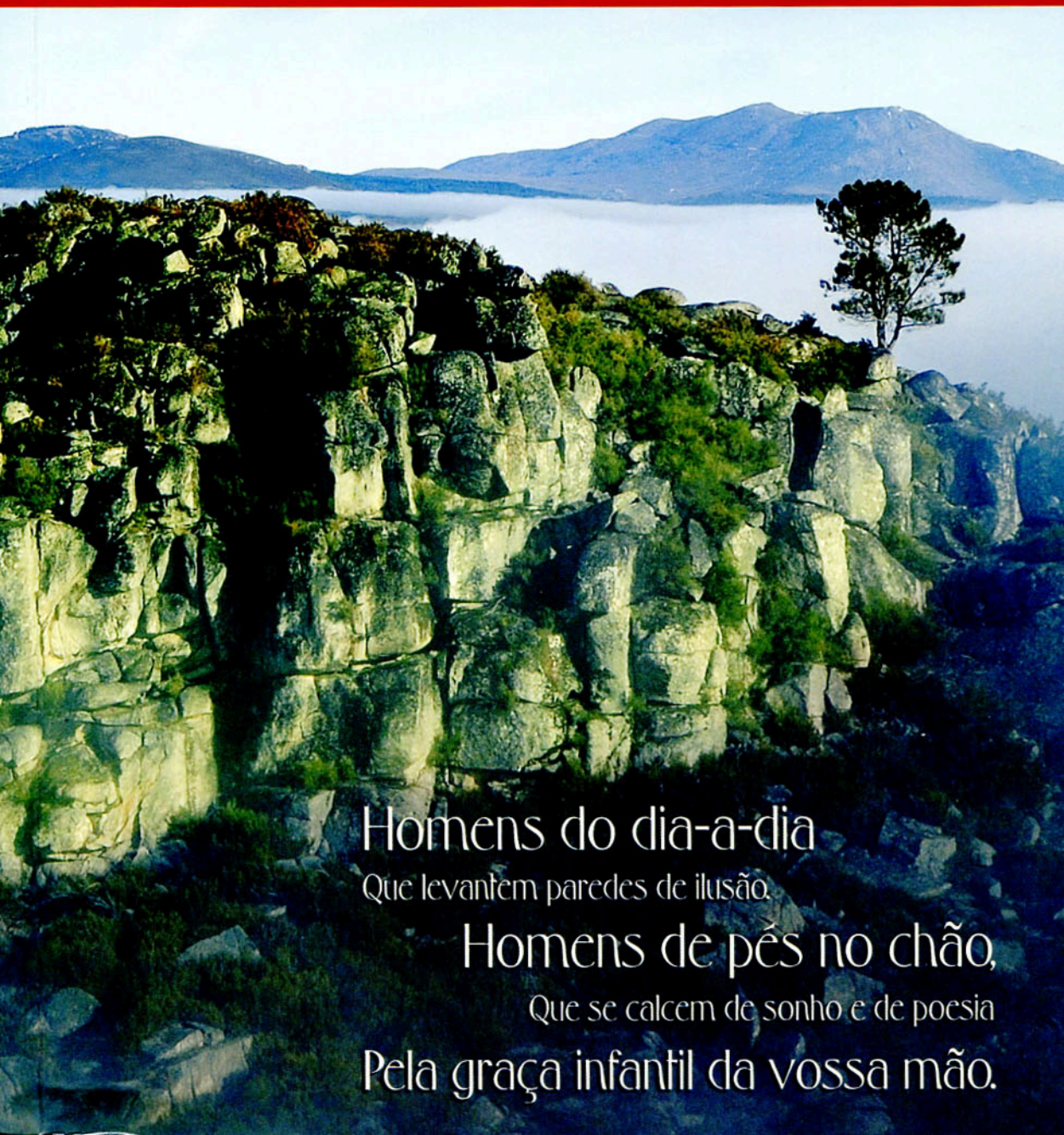


# Trás-os-Montes e Alto Douro

Mosaico de Ciência e Cultura

Textos coordenados por Armando Palavras



Homens do dia-a-dia

Que levantem paredes de ilusão.

Homens de pés no chão,

Que se calcem de sonho e de poesia

Pela graça infantil da vossa mão.

## **Ficha técnica**

**Título:** Trás-os-Montes e Alto Douro – Mosaico de Ciência e cultura

**Propriedade :** Comissão de Festas Nossa Senhora das Graças 2011

**Director:** António Neto

**Coordenador:** Armando Palavras

**Orientador gráfico:** Mário Teixeira

**Capa :** Mário Teixeira

**Organização:** António Neto e Armando Palavras

**Design e execução:** equipa técnica Exoterra

**Digitalização:** Adelaide Neto

**Colaboração:** Carlos Novais

**Tiragem:** 10.000

**Deposito legal:** 329 404/11

**Impressão e acabamento:** Exoterra Lda -geral@exoterra.pt

Reservado todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Autores.....	5
Adriano Moreira.....	7
António Neto.....	9
<b>Justificação</b>	
Armando Palavras.....	11
P. M.....	13
<b>País e o Mundo</b>	
Adriano Moreira.....	15
José Alberto Loureiro dos Santos (General).....	17
<b>Análise/Reflexão</b>	
Hirondino Fernandes.....	19
Luís Dias de Carvalho.....	25
Telmo Verdelho.....	27
<b>Personalidades Transmontanas</b>	
Abílio Gomes (Coronel).....	33
Inocência Pereira.....	37
<b>Viagens</b>	
António Modesto Navarro.....	43
Bento da Cruz.....	49
João de Sá.....	53
<b>Por Esse Douro Acima</b>	
António Barreto.....	59
Ilda Pinto Ribeiro.....	61
<b>Poemas</b>	
Ernesto Rodrigues.....	63
Fernando Castro Branco.....	65
Ilda Pinto Ribeiro.....	69
Pedro Castelhana.....	73
Silvio Teixeira.....	79
<b>Narrativas</b>	
António Borges Coelho.....	81
António Passos Coelho.....	83
Bernardino Henriques.....	87
Fernando Castro Branco.....	91
Fernando Chiotte Tavares.....	93
J. Rentes de Carvalho.....	97
Jorge Tuela.....	99
Manuel Cardoso.....	101
<b>Monografias</b>	
Carlos Abreu.....	105
<b>Mercado de Trabalho</b>	
Maria Márcia de Almeida Trigo.....	115
<b>Costumes e Tradições</b>	
Alexandre Parafita.....	125
António Pinelo Tiza.....	129
<b>Por Terras do Riba Côa</b>	
Alexandra Cerveira Lima.....	135
<b>Por Terras de Foz Côa</b>	
António Martinho Baptista.....	141
<b>Por Terras Barrosãs</b>	
António Lourenço Fontes.....	149
Barroso da Fonte.....	157
<b>Por Terras de Miranda</b>	
Amadeu Ferreira.....	163
Carlos Ferreira/Júlio Meirinhos.....	165
Francisco Niebro.....	185
<b>Reminiscência</b>	
Donzília Martins.....	191
Virgílio Gomes.....	199
<b>Arte</b>	
Eugénio Cavalheiro.....	201
Nadir Afonso.....	205
<b>Música</b>	
José Neves.....	207
Paulo Preto.....	211
Roberto Leal.....	215
<b>Museologia</b>	
Nelson Campos.....	219
<b>Ciência</b>	
Maria dos Anjos Pires.....	225
Paula Seixas Arnaldo.....	229

<b>Gastronomia</b>	
José António Silva.....	231
Jorge Lage.....	233
<b>Crítica Social</b>	
Manuel António Pires Brás.....	237
Silvio Teixeira.....	243
<b>Lagoaça</b>	
Foral.....	245
Tradução	
P. M. ....	247
A. M. Pires Cabral.....	249
Adília Figueira Verdelho.....	253
Aniceto Afonso (Coronel).....	259
António de Almeida Santos.....	265
António Pimenta de Castro.....	267
António Júlio Andrade e Fernanda Guimarães.....	271
Armando Palavras.....	283
Hirondino Isaias.....	291
Mandocas.....	293
Maria Margarida Moreno Areias de Almeida Santos.....	295
Otilia Pereira Lage.....	299
Pedro Figueira Verdelho.....	315
Teixeira Leite.....	317
Vítor Barros.....	319
<b>Testemunhos</b>	
Maria Aline Costa.....	323
Amadeu Martins.....	325
Carlos Novais.....	337
José Santos.....	341
Manuel Francisco Felgueiras Pinto.....	343
Rui Carvalho.....	345
<b>De outras Terras</b>	
Hélder Gomes.....	347
<b>A Encerrar</b>	
Adelaide Neto.....	349
<b>Curriculos dos Autores</b> .....	351
<b>Curriculos dos Autarcas</b> .....	379

# Por Terras de Foz Côa

## Eu projecto, tu projectas... O Parque

## Arqueológico e o Museu do Côa

### A ARTE DO CÔA E O PAVC

Hoje ainda, o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) é a única área protegida com estas características em Portugal. Mas nunca dispôs de um Plano de Ordenamento devidamente aprovado e regulado, embora este fundamental instrumento de gestão há muito tenha sido produzido, ainda que nunca dado à estampa em termos legais.

Será esta uma condicionante, nunca devidamente assumida, das particularíssimas condições de criação do PAVC em Agosto de 1996, quando aquela figura legal não constava sequer ainda do ordenamento jurídico português?

A arte rupestre do Vale do Côa começou a ser revelada em finais de 1994, tendo as primeiras notícias saídas na imprensa escrita alertado de imediato para a muito particular riqueza arqueológica que se guardava no Côa, onde então se construía uma barragem, muito perto da sua foz, que (quase) tudo iria submergir. E durante um ano, entre Novembro de 1994 e Novembro de 1995, travou-se uma verdadeira batalha mediática que atravessou toda a sociedade portuguesa e que ficaria conhecida como a "polémica do Côa". Cujos ecos ainda hoje perduram...

Em termos estritamente arqueológicos, a descoberta e afirmação científica da arte do Côa contribuiu decisivamente para a criação de um novo paradigma na arqueologia pré-histórica europeia, que é o da confirmação absoluta da existência generalizada de uma arte paleolítica de ar livre. Na verdade, a arte glacial europeia, que é, sem dúvida, o mais importante e arcaico testemunho do pensamento simbólico primitivo, sempre se revestiu de algum elitismo quase iniciático no próprio mundo académico, devido à sua até então característica situação de jazida em gruta. Os testemunhos gráficos do Paleolítico superior europeu entravam na categoria da Grande Arte, aliando uma grande antiguidade (as datações absolutas de Chauvet vão para além do 30º milénio BP) a uma apreciável, senão mesmo muito impressionante, qualidade estética. Grutas pintadas pouco profundas como as de Altamira e Lascaux, ou as mais profundas como Niaux, Pech-Merle ou Rouffignac ou a mais recentemente descoberta Chauvet, guardam alguns dos mais impressionantes testemunhos da admirável gramática dos símbolos da mais antiga arte conhecida dos Cro-Magnons europeus. Os grandes frescos pictóricos, ainda que raramente policromos, figurando normalmente uma gramática figurativa obsessivamente zoomórfica, constituíam sempre um capítulo muito próprio nos nossos manuais de

pré-história e o primeiro (e muito "moderno") capítulo da história da arte ocidental. E estes primeiros santuários da arte primitiva cedo se destacaram por serem dos sítios arqueológicos mais apetecíveis pelo turismo cultural. Mas a sua fruição nem sempre é possível pelo turista comum. Com efeito, logo após a explosão turística globalizada de meados do século XX, os mais importantes nichos das artes da pré-história antiga passaram a ser encerrados por necessidades de conservação, sempre por entre grandes polémicas. E assim nasceu a necessidade de serem replicados e/ou devidamente musealizados, como os casos de Lascaux, Altamira ou Ekain, entre os mais famosos, mas todos eles com diferentes filosofias de aproximação. Pese embora o fortíssimo afluxo de capitais que o turismo carrega para as regiões que guardam estes importantíssimos testemunhos do nosso passado pré-histórico, as sociedades democráticas, se por um lado expõem com orgulho essas remanescentes pérolas da simbólica mais arcaica, por outro chegaram há muito à conclusão, amplamente demonstrada pela ciência e pela evidência dos factos (o caso mais gritante é o de Lascaux), que essa massificação tarde ou cedo acarretaria a sua destruição.

Ora, o Vale do Côa abriu novos horizontes, quer ao conhecimento da mentalidade do homem paleolítico através deste tipo de vestígios da arte das origens, afirmando decisivamente essa outra característica que é o facto de aqui a situação de jazida ser completamente ao ar livre, mas também ao próprio sistema de fruição pública deste tipo de sítios pelo inovador sistema de apresentação que desde sempre foi apanágio do Vale do Côa.

É verdade que nesta mancha peninsular não há grutas, mas se até 1994 não era conhecida qualquer jazida paleolítica em toda esta região, tal não obviava que o homem pré-histórico não a tivesse demandado e ocupado, como a arqueologia acabou por demonstrar cabalmente nos últimos 16 anos.

Entretanto, hoje discute-se muito o ordenamento figurativo na arte paleolítica de ar livre por oposição ao dispositivo estruturado na arte das grutas, sempre limitado pela própria topografia que é conformada a um ambiente fechado. E é aqui que a conservação in loco da Arte do Côa se revela mais significativa pelas perspectivas de entendimento que permite na aproximação teórica a um dos seus grandes sítios mundiais, como é o Baixo Vale do Côa. É que grande parte dos sítios do Vale do Côa guardam ainda muita da sua ambiência primitiva, milhares de gravuras resistiram a milénios de erosão e é evidente uma relação directa entre muita desta simbólica rupestre e as paisagens envolventes. E isto não é apenas objecto de uma arqueologia da paisagem, mas mais o de uma arqueologia do imaginário, que só a aproximação estruturada à simbólica do passado permitirá começar a entender.

Actualmente a importância das jazidas arqueológicas rupestres no Vale do Côa/Alto Douro português mede-se pela qualidade artística e quantidade dos seus testemunhos gráficos dispersos por mais de 1.000 rochas historiadas com representações cronologicamente distribuídas entre a segunda metade do Paleolítico superior ( $\pm 25.000 - \pm 12.000$  anos antes do presente, com cerca de 450 rochas), com alguns impressionantes e raros exemplos da arte pictórica dos primeiros milénios do pós-glaciar (Faia, Vale de Figueira...); um importante acervo quase todo inciso da 2ª Idade do Ferro (2ª metade do 1º milénio a.C.), talvez o mais significativo a nível peninsular centrado junto à foz do Côa e nas ribeiras adjacentes; e alguns excelentes exemplos, entre o sagrado - é patente por exemplo o culto do Espírito Santo expresso em gravuras na Canada do Inferno - e o profano, de uma gramática figurativa rupestre datável entre os séculos XVI e XX. Os últimos gravadores do Vale do Côa, na esteira de uma tradição de gravação com pelo menos 25.000 anos, foram os senhores António Seixas e Alcino Tomé, os derradeiros moleiros que na Canada do Inferno e na foz do Côa nos legaram um impressionante número de gravuras insculpidas ao lado das criações paleolíticas que eles bem conheciam, mas a que nunca atribuíram uma tão grande antiguidade como a que a arqueologia viria a revelar.

E como em muita da restante arte paleolítica europeia, é também muito significativo e merece realce

o facto da evidente alta qualidade estética de muitas das produções artísticas do Vale do Côa. Embora os modelos estilísticos nos pareçam muito padronizados e mesmo estereotipados, em particular nas gravuras da fase antiga, é patente a criatividade e a invenção artística em rochas como a 3 da Quinta da Barca, a 1 de Piscos, a 3 da Penascosa, a 24 da Ribeira de Piscos, entre muitas outras. E aqui merece destaque também a invenção do movimento através da adjunção de duas e até três cabeças num mesmo animal, sugerindo uma animação figurativa. Esta característica tornou-se mesmo uma imagem de marca do Vale do Côa, já que é um aspecto muito pouco conhecido na restante arte paleolítica europeia.

Ao longo de 1995 e nos primeiros meses de 1996 seriam fixados os limites geográficos e a distribuição espacial desta até há pouco quase insuspeita província rupestre que hoje é a Arte do Vale do Côa. E que se centra, é evidente, na região do Baixo Côa, mas ultrapassa em muito estas singulares fronteiras geográficas e que por isso mesmo se pode dizer que é um longo ciclo artístico disperso por uma vasta região do Alto Douro português. Com exemplos já conhecidos que vão desde o Alto Sabor, ao Baixo Tua, ao Águeda e ao próprio vale do Douro. Mas os seus mais importantes testemunhos centram-se no Baixo Vale do Côa entre a Faia, o sítio mais a montante, e a própria foz do Côa.

Os estudos que desenvolvemos nos últimos 16 anos desta ampla província artística, primeiro no âmbito do CNART e depois do PAVC, e o importante contributo que foi sendo carreado pelos estudos de enquadramento arqueológico à arte pré-histórica levados a cabo pelas equipas de João Zilhão e do PAVC (AUBRY, Ed. 2009), permitem-nos hoje afirmar com alguma segurança arqueológica que os ciclos paleolíticos do Côa se distribuem em dois grandes períodos crono-culturais, o Gravetto-Solutrense ( $\pm 25.000 - 18.000$  anos BP) e o Magdalenense ( $\pm 18.000 - \pm 12.000$  anos BP) que, ainda que centrados no Baixo Côa, têm áreas de dispersão e algumas características de estilo e implantação relativamente bem diferenciadas.

Assim, as decorações pertencentes ao grupo mais antigo e a que poderemos chamar como o período arcaico do Côa, são preferencialmente localizadas nas margens das últimas grandes praias do Côa, como sejam os sítios da Penascosa/Quinta da Barca, foz da Ribeira de Piscos e Fariseu e Canada do Inferno. Estes três últimos sítios estão hoje algo descaracterizados pois sofrem ainda a influência permanente da subida das águas por efeito da albufeira da barragem do Pocinho, que se interioriza bastante pelo Côa. As características fundamentais das historiações deste primeiro período podem sintetizar-se assim: são na sua generalidade figuras zoomórficas, algumas de grandes dimensões (quase em tamanho natural como os auroques da rocha 13 da foz de Piscos ou os auroques e equídeo, esta a maior figura do Côa, da rocha 17 da Canada do Inferno), obtidas quer por incisão linear simples, quer por picotagens profundas; agrupam-se preferencialmente nas partes mais elevadas dos painéis (rochas 1 da Canada do Inferno, 6 da Penascosa..., aparentes marcadores de paisagem) mas também podem recamar toda uma superfície apainelada e sobrepõem-se intencionalmente, por vezes em densos palimpsestos com ricas estratigrafias figurativas. É uma sobreposição estruturada em dispositivo ilusório, ou seja, as gravuras vão-se sobrepondo numa aparentemente longa escala temporal, realizadas por verdadeiros iniciados em modelos padronizados e devem ser encaradas como verdadeiros ex-votos dispostos em lugares de eleição. É o que demonstram as acumulações figurativas de rochas como a 3 da Penascosa, a 1 do Fariseu e a impressionante 1 da Quinta da Barca. Esta, pela sua própria localização, como que unindo os dois importantes sítios da Penascosa e da Quinta da Barca, temo-la encarado como uma espécie de axis-mundi do ordenamento figurativo do período arcaico. Se encarmos a amplidão destes dois sítios como se fossem um dos nossos templos, a rocha 1 da Quinta da Barca ocuparia o espaço mais enobrecido do altar-mor.

A fauna figurada é constituída na sua quase totalidade por representações dos maiores herbívoros que

então ocupavam o vale do Côa: cavalos, auroques, cabras (montês e algumas camurças) e cervídeos, a que se juntam alguns raríssimos peixes. Neste período não são conhecidas quaisquer representações antropomórficas.

As gravuras deste período, embora sejam as mais antigas, são ainda hoje as que melhor são percebidas pelos visitantes por serem de traço profundo, e tornaram-se por isso mesmo as popularmente mais conhecidas do Vale do Côa.

As gravuras do período Magdalenense, ainda que apareçam um pouco dispersas por todo o vale, concentram-se maioritariamente junto à foz do Côa, interiorizando-se pelos pequenos mas cavados vales adjacentes, alguns já pendentes ao Douro, como os importantes sítios de Vale de José Esteves, Vermelha e Vale de Cabrões. Tecnicamente são agora abandonadas as picotagens e os motivos são apenas incisos, obtidos por traços finos rasgados por afiados sílexes ou quartzos e são por isso mesmo hoje de mais difícil visualização, patinadas que estão pelo passar dos milénios. Quando eram produzidas, estas gravuras tinham, no entanto, traços esbranquiçados e eram bem visíveis. Estes motivos podiam ser apenas sinalados por traços simples que definiam os contornos das figuras (um dos exemplos mais notáveis deste tipo de gravação é a cabra da rocha 5 de Vale de Cabrões), ou preenchidas por densas incisões que marcavam as pelagens e podiam até conceder alguma volumetria aos animais. Um belo exemplo desta técnica de execução é a família de cervídeos da zona central da rocha 16 do Vale de José Esteves, uma das poucas rochas que foi replicada para a exposição permanente do Museu do Côa. Estas incisões de traço múltiplo são muito típicas do final do período glacial.

A fauna figurada é a mesma que está presente no período antigo, mas agora com uma maior presença dos cervídeos, o que se compreende até pela expansão que esta espécie terá tido ao longo do tardiglacial. Surgem agora também as primeiras e raras representações de humanos ou humanóides. O mais notável de todos os conhecidos no Côa é o antropomorfo ictifálico da rocha 2 de Piscos, no topo de uma densa estratigrafia figurativa onde se sobrepõe a dois auroques e um pequeno equídeo. Deve assinalar-se também a presença de um corpo de signos quase todos de carácter abstracto-simbólico e linear e que estão mais directamente ligados ao universo da arte Magdalenense e do primeiro período da arte holocénica.

A enorme importância arqueológica da arte paleolítica tem ofuscado bastante a também grande quantidade de testemunhos gráficos da 2ª Idade do Ferro no Vale do Côa/Alto Douro. Esta é toda incisa (filiforme) e figura um outro tipo de imaginário rupestre, próprio de uma sociedade nos alvares da difusão da escrita e da conquista romana da região, o que assinala também o final do ciclo rupestre proto-histórico. A arte rupestre da Idade do Ferro foi produzida, não por verdadeiros iniciados como o sugerem ser os artistas paleolíticos, mas por outros actores que, ainda que num mesmo palco geográfico e muitos milhares de anos depois, interpretavam outras motivações, ritualizavam outros mitos, outras formas de vida social. Se os primeiros eram caçadores-recolectores para quem o animal era o centro da acção gráfica, o "lugar" do mito, vivendo numa vastidão de espaços com uma baixíssima carga demográfica, os homens da Idade do Ferro eram gente com uma hipotética hierarquização social em bandos aparentemente condicionados por elites guerreiras, se atentarmos nos textos dos autores clássicos, como as descrições de Estrabão sobre os Lusitanos que seriam bem ilustradas por algumas das gravuras sidéricas da foz do Côa, como é o caso do guerreiro apeado da rocha 6 de Vale de Moinhos. As figurações rupestres representam quer guerreiros armados, montados em cavalos ou apeados, em cenas de caça com o auxílio de cães (a mais significativa é ainda a da rocha 23 do Vale da Casa) ou luta singular (o melhor exemplo é o da rocha 1 da Vermelha), ou até simples cenas de quotidiano. É um imaginário muito mais antropocêntrico, sendo as representações humanas normalmente o centro da acção, que comandam. Estas figuras são quase sempre gravadas como se fossem simples esboços, com

formas desproporcionadas, quase caricaturais, mas também elas estilisticamente muito estereotipadas. São significativas e bem características as padronizações das cabeças de pássaro de muitos antropomorfos (em particular os guerreiros) e os quartos traseiros em ferradura dos quadrúpedes (cavalos, cães e veados preferencialmente), com os melhores exemplos no Vale da Casa (Douro). A presença de armas, como na bem conhecida rocha 10 do Vale da Casa, também ela replicada no Museu do Côa já que está submersa desde 1983, figurando modelos metálicos de lanças e falcas bem paralelizáveis com exemplares conhecidos da cultura material de outras regiões peninsulares, nomeadamente do mundo Ibérico, permitiu-nos desde muito cedo fixar bem os horizontes cronológicos desta panóplia de motivos, genericamente inseríveis na IIª Idade do Ferro. E a ausência de arcos e flechas, permitirá ligar o ordenamento social deste período a uma sociedade guerreira e heroicizada, o que está de acordo com o que se conhece no mundo Ibérico coevo de outras regiões peninsulares na Meseta e mais a oriente. Há, como se disse, um maior desprendimento estilístico dos traços nesta arte sidérica, muito longe dos padrões impressionantemente mais naturalistas dos modelos figurativos do Paleolítico superior, que por vezes se sobrepoem nos mesmo painéis, em particular na região da foz do Côa, a zona de maior concentração de gravuras incisas da Idade do Ferro, e por isso mesmo aqui por vezes sobrepostas à arte tardiglaciária (um bom padrão de cronologia relativa), também ela exclusivamente incisa e de traço múltiplo e que também aqui tem a sua área de maior expansão.

A fixação dos limites do Parque Arqueológico em meados de 1996, com uma área de cerca de 20.000 hectares, procurou abranger praticamente toda a arte rupestre que era conhecida à data, estendendo-se desde o Vale da Casa, o sítio mais a Norte já no Douro, até à Faia, a estação rupestre mais a Sul, já no ambiente granítico do Côa. As prospecções continuadas que o já extinto Centro Nacional de Arte Rupestre prosseguiu na região durante anos permitiram ampliar bastante o número de rochas historiadas e até alargar as áreas de influência rupestre, mas o grosso dos achados continua a concentrar-se no interior dos limites do Parque Arqueológico, cuja razão de ser fundamental continua a ser o da conservação, estudo e fruição da arte rupestre regional.

## UM MUSEU PARA O VALE DO CÔA

O Museu do Côa procurou sintetizar toda esta informação arqueológica e foi concebido como uma mostra da grande Arte do Côa e seu enquadramento arqueológico, este em particular a partir das escavações dos acampamentos Magdalenenses do Fariseu.

Com efeito, as concentrações rupestres, hoje agrupadas em cerca de 60 sítios dispersos por uma vasta área geográfica, tornam extremamente difícil a sua abertura a visitas públicas. Por outro lado e mercê dos particularismos tecno-morfológicos rupestres, nem todos estes sítios apresentam painéis tão ricamente historiados ou facilmente percepcionáveis, como os da fase antiga da arte do Côa. Com efeito, o PAVC só mantém 3 sítios abertos permanentemente ao público: a Canada do Inferno, a Penascosa e a Ribeira de Piscos e mesmo estes podem ser pontualmente encerrados como acontece todos os anos nas épocas de cheias. Episodicamente pode também visitar-se o sítio do Fariseu, em particular durante o Verão. Está também eventualmente prevista a abertura futura de novos sítios, como sejam a Quinta da Barca e alguns sectores na envolvente do Museu do Côa, como o Vale de José Esteves, a Vermelha e o Vale de Cabrões. Estas visitas são sempre aconselháveis como um complemento à visita ao Museu e a sua manutenção é fundamental e deve ser mantida pela nova Fundação Côa/Parque, a entidade que a partir de Abril passará a gerir todo o vasto património do Côa e do seu Museu. Claro que, para isso, o modelo de gestão do próprio sistema de visita ao território deverá talvez ser revisto...

O Museu do Côa foi inicialmente concebido para ser construído no próprio local de implantação da

abandonada barragem do Côa, na sua margem esquerda. Era um projecto arquitectonicamente tão ambicioso quanto emblemático pelo evidente simbolismo que se continha na escolha daquele local. Por um lado, implicava o abandono deliberado, assumido e definitivo da barragem do Côa (e sabemos quanto, à época, isso era importante), e por outro centrava em si uma fortíssima carga simbólica que como tal emergia das novas políticas públicas que conseguiam, arrostando os ventos da polémica, substituir uma grande obra de engenharia (já em construção) na base dos velhos modelos de gestão económica que exploravam o interior como antigamente se exploravam as colónias, por um grande projecto eminentemente cultural implantado no depauperado e muito despovoado hinterland português. O excessivo tempo de maturação e laboração do projecto de arquitectura e engenharia, sucessivamente reelaborado e a espaços emagrecido para conter uma certa megalomania inicial (as primeiras projecções de custos eram elevadíssimas), e os ventos da política caseira, acabaram por inviabilizar a escolha deste primeiro projecto, que acabaria por ser substituído pelo actual Museu do Côa, erguido entre 2007-2010 e que foi inaugurado pelo próprio Primeiro-Ministro em 30 de Julho de 2010.

Salvou-se apesar de tudo a ideia de construirmos um grande museu de arte e arqueologia no Vale do Côa. Também a actual implantação não deixa de ter uma outra carga simbólica, aliando a vastidão de belíssimos e puros horizontes de uma vincada e muito forte paisagem cultural, à originalidade do projecto de arquitectura, cuja construção se inspira e simula uma grande laje de xisto tombada e virada simultaneamente ao Côa e ao Douro (implantado como se fora um vasto terracamento de uma antiga quinta vinhateira). A longa e ziguezagueante fenda da entrada principal, rasgada qual falha geológica activa, conduz o visitante ao interior da terra e ao deslumbramento da vivíssima arte fóssil do Côa. É um jogo de espelhos - e também eles lá estão fisicamente através das instalações criativas de Ângelo de Sousa, um artista convidado que aqui deixou talvez a sua última obra pública, já que faleceu recentemente - entre a arte da luz que é a Grande Arte do Côa, e a sua assumida musealização em ambiente de um negro quase cárstico! Matéria ainda para algumas discussões... Mas uma das características do Museu do Côa, e assim foi concebido, é o facto de ter muito poucos originais (o vale é o museu...) e a sua exposição permanente poder estar em contínua mutação, integrando em qualquer momento quer as novas descobertas rupestres, quer os ventos da nova museologia, já que uma excessiva carga de multimedia se arrisca a rapidamente ficar ultrapassada.

Entretanto, o Museu do Côa, para além de afirmar a vitalidade arqueológica da Arte do Côa, em particular a dos ciclos paleolíticos, pretende manter sempre uma ligação muito viva à criação artística da nossa contemporaneidade. Afinal os artistas pré-históricos do Côa foram os primeiros criadores de uma invenção das formas e de uma gramática de símbolos que hoje estão entranhados no nosso mais fundo imaginário. Há uma tendência figurativa para o padronizado perfil absoluto com uma perna por par e cornos em perspectiva torcida ou semi-torcida, mas lá estão já as perspectivas, o olhar linear que súbito se desdobra em requebros de tridimensionalidade, o experimentalismo e o expressionismo das incisões que concedem ao artista uma maior liberdade de desenho... tudo está já expresso e à espera de ser redescoberto no impressionante legado dos artistas do Côa. Como diria um Picasso espantado perante os frescos de Lascaux, que estamos nós a inventar que esta gente não tenha já feito há milhares de anos?

Por isso o Museu do Côa expõe em permanência quer as citadas instalações em espelho de Ângelo de Sousa, quer a escultura/instalação de Alberto Carneiro "Árvore Mandala para os Artistas do Côa" que, de acordo com a própria definição do autor, é uma obra escultórica "constituída por um conjunto de elementos trabalhados e gravados em madeira que se organizam no espaço como uma MANDALA (uma Mandala para os gravadores do Vale do Côa) articulada entre círculos e quadrados concêntricos marcados pelas intersecções estruturantes".

Esta obra emblemática que é já hoje o Museu do Côa e que até à data tem sido um sucesso de públicos,

não deixa de espantar o visitante mais desprevenido. Que começa por admirar o arrojo e a simbiose de uma construção singular - tão singular desde logo nos seus módulos de betão que absorveram, triturados, os próprios xistos dali arrancados e é isso que concede ao museu aquela tonalidade de um amarelo esmaecido que com o tempo ganhará a pátina local - na paisagem esmagadora rasgada pelas duas correntes fluviais que ali em frente se abraçam. E depois se deixa perder nas sucessivas salas do museu vagando milénios no tempo longo paleolítico, um vendaval de murmúrios das nossas memórias primordiais. Eis ali o homem da Ribeira de Piscos, a mais antiga representação humana conhecida em território português. Eis além a obra-prima de uma contida genialidade que é o abraço caricioso dos dois cavalos da rocha 1 de Piscos. Eis outra vez a admirável cabra bicéfala da rocha 3 da Quinta da Barca, lídimo exemplo da invenção do movimento há mais de 20.000 anos e para mim a mais icónica de todas as gravuras do Côa. E eis ainda mais além aqueles pesados auroques (os modelos vivos adultos atingiam mais de uma tonelada!) que há milénios nos fitam e cujo olhar saído do fundo dos tempos, uma vez fixado, não mais deixará de conjugar-se com as nossas perplexidades. E eis ainda essa admirável cabra linearmente incisa, de traço depurado, que ali se ergue sob um raríssimo vestígio de solo (não, o homem paleolítico não desenhava solos!) há mais de 10.000 anos... e tantas, tantas outras criações riscadas na pedra há centenas de milhares de dias... longos dias têm mil anos...

## CONCLUSÃO

O Museu do Côa tem sido gerido como uma estrutura do Parque Arqueológico do Vale do Côa e assim espero possa continuar a ser. Até à data em que escrevo (Março de 2011), tem sido um serviço dependente do IGESPAR, IP. Mas, em vésperas da inauguração do Museu, o Ministério da Cultura anunciou a criação de um modelo de gestão do tipo fundacional que deverá operacionalizar-se a partir de Abril, já que a Côa/Parque - Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa, foi entretanto criada pelo Decreto-Lei nº 35/2011, de 8 de Março. É uma fundação pública com regime de direito privado que nasce em tempos de profundíssima crise financeira e de mentalidades. Sejamos optimistas...

Entretanto, gostaria de deixar aqui público testemunho sobre a imperiosa necessidade de se ampliar ainda mais a classificação de Património da Humanidade que a Unesco atribuiu ao Vale do Côa em Dezembro de 1998. Com efeito, deve lutar-se pela ampliação desta honrosa classificação a todos os outros sítios rupestres já identificados em território português com testemunhos artísticos da pré-história antiga com evidentes paralelos nos do Côa. Sítios cuja localização e características arqueológicas estão sintetizadas no meu último livro sobre a Arte do Côa (BAPTISTA, 2009). E já após a sua publicação, esta classificação foi em meados de 2010 estendida ao sítio castelhano de Siega Verde (no Águeda), a maior concentração conhecida de arte paleolítica ao ar livre fora da área do Côa. Mas e porque a Unesco privilegia hoje a classificação de grandes conjuntos arqueológicos de características similares dispersos por vastos territórios, é de toda a urgência que à classificação já institucionalizada do Vale do Côa e sua extensão Siega Verde, sejam agora acrescentados os de Pousadouro (um conjunto notável), Sampaio, Ribeira da Sardinha e Fraga Escrevida (todos no transmontano Vale do Sabor), a Fraga do Gato (ladeando a calçada de Alpajares em Freixo de Espada à Cinta) e o clássico penhasco decorado de Mazouco (no Douro), para só citarmos os sítios a norte do Douro. A que se deverá acrescentar o recentemente identificado de Foz Tua, mais uma importante extensão do foco do Côa - esse evidente sítio de agregação primordial -, com evidentiíssimos paralelos estilísticos e tecno-morfológicos em gravuras do Côa e muito em particular da Canada do Inferno.

Todos estes sítios constituem afinal os últimos testemunhos do que poderemos classificar como o primeiro "império artístico" em território hoje português, claramente centrado no Vale do Côa e com todas estas "antenas" já identificadas nos xistos dos nossos vales fluviais mais interiorizados.

+++++ +++++ +++++

Para aprofundar o conhecimento das pesquisas arqueológicas mais recentes no Vale do Côa, podem consultar-se:

AUBRY, T. (Ed.) (2009): 200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico. IGESPAR, I.P. e Côa Museu Eds. (Trabalhos de Arqueologia 52), Lisboa, 511 p.

BAPTISTA, A.M. (2009): O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal/Paradigm Lost. Côa Valley and the open-air Palaeolithic art in Portugal. Edições Afrontamento e Parque Arqueológico do Vale do Côa, Porto/Vila Nova de Foz Côa, 253 p.



Fig. 1

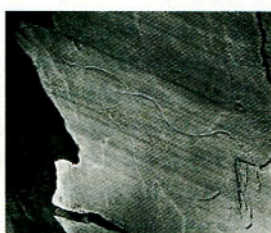


Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

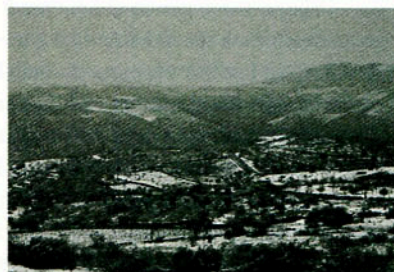


Fig. 5



Fig. 6

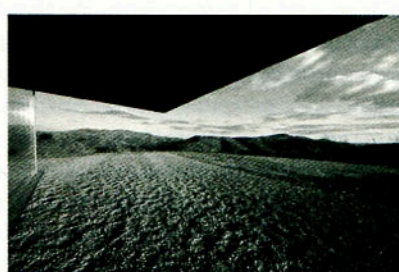


Fig. 7

Fig. 1 - Cabra orientada para a esquerda e provável camurça, virada à direita. Picotagem em traço profundo do período antigo da arte do Côa. Sector esquerdo da rocha 1 do Fariseu

Fig. 2 - Equídeos com as cabeças enlaçadas. Rocha 1 da Ribeira de Piscos.

Fig. 3 - Cerva em traço múltiplo inciso do período final da arte paleolítica do Côa. Rocha 16 de Vale de José Esteves (pormenor).

Fig. 4 - Parque Arqueológico do Vale do Côa. Quinta de Ermamoira

Fig. 5 - Museu do Côa. Inverno de 2010.

Fig. 6 - Museu do Côa, sector nascente

Fig. 7 - Museu do Côa, aberto ao Douro e ao Côa.